



## RESENHA

### A IMPORTÂNCIA DE UM FUTURO ANCESTRAL

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 (128 págs.).

**Carina Alves Torres** – UFPEL–Pelotas– Rio Grande do Sul – Brasil  
[Carinatorres123alves@gmail.com](mailto:Carinatorres123alves@gmail.com)

**Laylson Mota machado**-UFPEL-Pelotas- Rio Grande do Sul-Brasil  
[laylsonmm@gmail.com](mailto:laylsonmm@gmail.com)

O ativista indígena Ailton Krenak protagoniza e ecoa vozes ancestrais em seus livros, em que corrobora para o outro pensamento, (Mignolo,2020) através de uma práxis dissociada da visão eurocêntrica de mundo. As palavras de Krenak estão alicerçadas em um futuro pautado no Bem viver e respeito à natureza. Assim, como os escritos do xamã Davi Kopenawa que manifesta sua resistência espiritual e visão cosmológica, diante da colonialidade do poder (Quijano, 2007). Ambos criticam o modelo de sociedade ocidental, por elencar a destruição do meio ambiente em consonância ao capitalismo.

O livro “Futuro Ancestral” (2022) de Ailton Krenak nos convida a olhar para o futuro por meio das lentes do “esperançar” de uma sociedade diferente da atual, que priorize a existência da humanidade atrelada a natureza. O ativista inicia a escrita do livro, evocando os rios, através dos sons das águas, elucidando o respeito e admiração, ao mesmo tempo em que denuncia a mutilação desses recursos naturais. No qual faz uma reflexão acerca do desaparecimento desses rios causado pela implantação de grandes empreendimentos como usinas hidrelétricas que tem devastado as bacias hidrográficas da região Amazônica. Ele também denuncia os danos do garimpo causados pela mineração e apropriação da paisagem, sobretudo em territórios indígenas.



As implementações de projetos de infraestruturas propagados pelo governo têm causado aos rios danos sociais, ambientais, culturais e econômicos. O autor situa a realidade vivenciada por comunidades ribeirinhas que enfrentam a escassez do pescado, suspendendo as atividades e modos de vida que sustentam suas famílias, fato ocorrido pelo adoecimento do peixe causado por grandes obras como mineradoras e hidrelétricas.

Outro fato que o autor posiciona são as narrativas e memórias dos diferentes povos que habitam e habitaram a terra, trazendo a possibilidade de narrativas plurais que tragam o entendimento de outras cartografias, de mundos diferentes propiciando diferentes formas de compreender as singularidades de cada povo, e a forma como cada um experiencia a vida no planeta.

Ao olharmos para a diversidade étnica do nosso país, nos deparamos com a pluralidade de narrativas dos diferentes povos indígenas, reverberados pelo corpo-território, fauna, bioma, flora, sabedoria e ancestralidade, (BANIWA; KAYAGNAG, et,al 2023, p.07). Outro ponto que o autor disserta é o silenciamento aos encantados e a falta de experiências do corpo em comunhão com os elementos natureza, pois na sociedade ocidental só o humano age, dentro lógica de consumo desenfreado da terra. Nessa concepção de adiar o fim do mundo o autor situa esse desejo a partir das confluências- transfigurações, termo cunhado pelo intelectual quilombola Nego Bispo, ao situar que as confluências evocam um contexto de mundos diversos que podem se afetar (Krenak, 2022, p.41). A partir desses encontros, essa confluência posiciona outras possibilidades para outros mundos.

Os discursos promulgados acerca do fim do mundo soam narrativas assombrosas que espantam a sociedade sobre as perspectivas do futuro do planeta, entretanto Krenak destaca que na verdade ela serve para que possamos desistir dos sonhos, que dentro dele evocam-se memórias da terra e de nossos ancestrais. Diante disso, que ao mergulharmos no profundo da terra é que seremos capazes de recriar novas perspectivas de futuros possíveis.

O ativista também elencou sobre a pandemia da Covid-19 ressaltando que essa crise sanitária veio para devastar a vida humana e não para ensinarmos alguma lição, no qual faz crítica essa ideia dos “brancos” de olhar para os sofrimentos pelo viés de ensinamentos. Ele ressalta que o capitalismo criou/cria ferramentas para afastar as pessoas, e colocá-las em



contato com o ambiente virtual, como ocorreu na pandemia da covid-19, em que interações aconteciam por telas de computadores e celulares. Nessa acepção de relações tecnológicas, percebe-se que as pessoas estão reféns dos meios digitais, e mais distante das relações umas com as outras, mensuradas nos moldes da sociedade moderna. No qual a cidade se torna a plataforma de sustentação capitalista, através do consumismo, aglomeração de pessoas e destruição dos recursos naturais, que tem como finalidade extinguir bosques, florestas, rios e animais. No qual, Krenak, faz um chamamento para reerguer os bosques das cidades, já que a “vida é selvagem e também eclode nas cidades” (KRENAK, 2023, p.71)

O cotidiano urbano para o autor vem instituindo um novo modo de vida que ele define como necrocapitalismo, pautados nas experiências do indivíduo que nasce no contexto da cidade que reifica seu pensamento urbanizado, que é tão potente que acaba influenciando outras culturas do mundo todo. A cidade como território artificializado (Bispo, 2022), é perante essas indagações que o autor pontua os atravessamentos possíveis entre as cidades e os povos e comunidades que vivem na floresta. Em vista disso, traz a seguinte reflexão: como fazer a floresta existir em nós, em nossas casas, em nossos quintais?

Para essas indagações ele pontua a florestania como forma alternativa de contestar a ordem urbana e sanitária e passar a vê o ambiente urbano mais comum possível, deixar que seus quintais se encham de matos, romper com a perspectiva arquitetônica de “meter asfalto e cimento em tudo”. A esse respeito o também ativista e quilombola Nêgo Bispo (2023), sobre as perspectivas colonialistas que as casas são pensadas no ambiente urbano, enquanto no quilombo o quintal se destaca como a parte mais necessária de um lar, comparando ao contexto urbano que a laje é o ambiente mais necessário de uma casa na favela. O autor situa os programas de habitação como sendo os mais colonialistas possíveis, como Minha Casa Minha Vida que veio para construir perspectivas urbanísticas de casas sem quintais, tirando sua parte mais necessárias. Por meio disso, que Krenak anuncia que a cidade moderna não tolera o comum, ela o hostiliza, ela o utiliza como uma máquina propulsora para o capitalismo. Para proporcionar o rompimento com essas perspectivas colonialistas, capitalistas e urbanas, é necessário o reflorestamento do nosso imaginário, tratando-se da reaproximação de uma urbanidade que se pense a partir da potência de vida onde a vida selvagem também possa



eclodir nas cidades.

Krenak denuncia as explorações ocorridas na Amazônia, que desde a Ditadura Militar tem causado danos as florestas, e sobretudo as populações indígenas, refletindo sobre as perspectivas que o antropoceno tem trazido para a reprodução do pensamento colonialista. Refletindo sobre as alianças afetivas para enfrentar as ameaças constantes a democracia e ao descredito estatal que o governo tem dado as populações indígenas, que são as guardiãs da terra. O autor nos evoca ao rompimento com a servidão, trazendo ao debate a urgência da presença indígena em espaços de poder como na política, no Estado, como possibilidade de oxigenar esses ambientes, como os rios que confluem e compartilham suas potências.

Sua obra encerra-se com novas perspectivas de pensar a educação e o ensino, sobretudo sua relação com o futuro. A invocação de ancestralidade é educativa, trazendo os saberes e conhecimentos de anciãos que já pisaram suavemente sobre a terra. O autor situa a perspectiva do imaginário sobre o futuro e sobre a sua irrealidade, pois sempre imaginamos o que enfrentamos na posteridade, o que o autor determina como projeções de futuros improváveis. Para o enfrentamento dessa ilusão e narrativa única sobre essa perspectiva futurista, Krenak destaca que é necessário recepcionarmos uma inventividade que chega através das pessoas, sobretudo nas crianças como portadoras de boas novas.

Perante essas reflexões que o autor situa a Educação como uma experiência que deve ser pautada na realidade, falarmos em perspectivas educativas não pautadas no futuro, mas no agora. As políticas educacionais pautam-se num ensino tradicionalista, sendo a percepção de escola vista a partir de prédios e muros, o que acaba propiciando a desvalorização dos trabalhos dos educadores. Krenak destaca que escola é uma experiência geracional de troca que deveria ser enriquecida e valorizada, no processo em que o compartilhamento de saberes entre as pessoas pudesse auxiliar as crianças a se prepararem para vida adulta. Educamos crianças para serem companheiras umas das outras, proporcionando uma educação que se embasa no cotidiano, como as crianças indígenas que não são educadas mas orientadas, o autor nos faz refletir sobre perspectivas educativas para se pensar na vida na terra, que possamos aprender com as crianças a colocar o coração no ritmo da terra.



---

## AGRADECIMENTOS

À CNPq, pela concessão de bolsa de pesquisa.

---

**Carina Alves Torres** - Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL- 2021).  
Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Layson Mota Machado**- Doutorando em Sociologia pela Univesidade Federal de Pelotas (UFPEL-2021).

---

Recebido para publicação em 28 de maio de 2024.

Aceito para publicação em 15 de outubro de 2024.

Publicado em 22 de outubro de 2024.